

ARTIGO

Cara-de-pau

IRON JUNQUEIRA
Escritor

de prefeitos ou prefeitos prometem manás e coisas celestiais?

Não queira enganar a plebe rude com suas pretensões particulares! Deixe esse trabalho para os que de fato amam a coisa pública, que se preocupam com a população, com o sofrimento das pessoas, você não, todos sabem que mal se preocupa com sua esposa, seus filhos, se estes estão na escola ou não, se fumam ou se drogam se são benquistos no bairro, se mentem ou lhe falam a verdade; só de verem sua esposa necessitada de melhor trato, sabem que você não está nem aí para os seus consangüíneos estará interessado em ajudar a plebe rude? Deixe de enganar os outros enganando a si mesmo. Afaste essa candidatura da sua mente, faça um bem à coletividade e um favor aos seus amigos que – não entendendo – votariam em você pela amizade, mas atrapalhariam a cidade por ter um político tão desavergonhado e incapaz como você. Faça uma caridade: não se candidate, não tome tempo dos outros, não vá enganar nem pegar o dinheiro do povo, sem nada realizar, pois você sabe não ter competência, e não está sendo honesto nem com você mesmo o será para com a população? Nunca!

Não precisa ser como o sândalo que você não tem vocação para isso! Seja o machado na mão de Deus que cuidará de providenciar a poda das árvores estéreis, e prodigalizará profícuas tare-

fas em favor dos mais carentes. Cada um na sua e fazendo só o que pode e consegue. Que faria você com a Lei Orgânica do Município ou com o cargo de vereador? Fale, fale a verdade? Nada. Por que sua intenção não é a de servir à causa ou à comunidade, é para se enriquecer, ter um emprego bom, ganhar muito e contar com servidores a seus pés. Nem Jesus veio à terra para ser servido, mas para servir. E você quer um cargo para fazer o bem? Faça o com o que você tiver no coração. Se tiver amor, cara! Fará coisa demais para a população. Sem precisar sequer de um documento. O melhor trabalho para a coletividade é ser um cidadão útil e honesto, sobretudo, não enganador, nem mentiroso, nem demagogo. Seja um servidor sem títulos e sem dinheiro! Quanto mais você ajudar o povo, mais Deus o ajudará sem ser preciso de você roubar ou pedir ou ser político, entende?

Mas se é gente boa, com planos para a cidade e seu povo; se é bom caráter, ético, tem idealismo e ama de fato o trabalho coletivo, vai em frente, candidate-se e boa sorte! Deus o guiará. Mas se você for mais um cara-de-pau, por favor, não se aproxime nem me peça voto; se pensa apenas na sua conta bancária e for mais um desses (nem todos claro!) atuais, piedade! Seja o machado e não o sândalo! Ponha sua cara-de-pau no pelouro e deixe que o povo venha com o machado...

É isso.

ARTIGO

O meia quarta

JOÃO ASMAR
Advogado

Antônio dos Anjos, marcado pelo destino, foi um sofredor. Parecia que o mundo todo conspirava contra ele. Em todo lugar, por onde passava, suportava, sempre, contrariedades enormes.

O seu nome, comum, não deixou recordações. Todos os que o conheceram já nem se lembram que tal homem existiu.

Porém, aqueles que o viram, jamais se esquecerão do revoltado Antônio Meia Quarta, assim apelidado pelos algozes, que o fizeram o maior xingador de todos os tempos.

De fato, seu Antônio dos Anjos não tivera muita sorte. As marcas do sofrimento se estampavam no seu semblante e o transformaram numa criatura inconformada, revoltada, desesperada e até perigosa, em certas situações.

Ele era forte. Possuía uma boa estatura e já atingia a casa dos quarenta anos. Moreno, de rosto liso e crânio alongado, de cabeça raspada, andava com dificuldade, pelas ruas, sempre explorando o caminho com o seu bastão, longo, rústico, de gualta, que substituíam os seus olhos, tomados por expressa catarata.

A sua voz era sonora, vibrante, quando reagia aos ataques, ou era doce e suave quando agradecia qualquer bem que lhe fizessem.

Sem possibilidade de trabalhar, porque não tivera a fortuna de se educar em instituto para cegos, penava, a correr, pelo mundo, a pedir esmolas, sobretudo, nas festas religiosas, de romaria.

Aqui, ele aparecia nas comemorações do Bom Jesus. Para a velha Abadiânia, viajava, infalivelmente, no mês de agosto. Em Trindade, comparecia para receber a ajuda do Divino Pai Eterno.

Era um homem simples. Também o seu espírito, cansado, castigado pelo

desespero da noite dos olhos, sofrendo os açoites dos maldosos, insensíveis à sua dor, não escondia, nunca, a fúria que vinha do interior, quando picado no seu amor próprio.

Isso porque seu Antônio dos Anjos, sertanejo, vestia-se humildemente, com roupas de algodão, grosseiras, tecidas nos rústicos teares pelas mãos operosas das mulheres das fazendas.

Suas calças eram apertadas e curtas, nas canelas, fazendo aparecer os seus grandes pés, metidos em rústicas botinas mateiras, de gomas, dilatadas. Suas camisas, de algodão encorpado, encardido, ficavam, sempre, por fora das calças, qual sacio de boca para baixo. Trazia um rosário de contas vegetais no pescoço. Seus olhos, alterados pela doença, pareciam de estátuas.

Era uma figura singular, no vestir e no andar vagaroso, atrás do porrete que lhe abria a passagem.

Acontece que, nessa época, usava-se a quarta como medida de arroz, de feijão, de fubá, de farinha e outras coisas.

Então, quando o coitado do Antônio se mostrava, assim, tão esquisito, pois nunca mais tivera a sorte de se mirar, os engraçadinhos, gozadores da vida, alheios ao seu martírio, ao verem as fraldas da camisa por fora das calças, bradavam:

- "OOO"... meia quarta! – Me vende meia quarta de farinha!...

Repetidos, pois, aqui e acolá, esses gritos provocantes, ferinos, foram sedimentados na cabeça sofrida de seu Antônio dos Anjos, provocando-lhe um amontoado de reações fortes, as mais variadas.

- Por que, santo Deus, contra ele, coitado, peregrino, implorando a caridade pública, os seus irmãos eram tão duros, para machucá-lo, assim, impiedosamente? – Por que, em lugar da esmola, que podia ser negada, lhe instilavam, na alma, tanto veneno, tanta maldade?...

Em princípio suportou, com santa paciência, as ofensas dos semelhantes, como prova de humildade, diante da vontade do Criador.

Depois, envelhecido, com o estômago contraído pela fome, sem ver nada, senão a escuridão da noite eterna, ao ouvir o eco da

"meia quarta", que explodia dentro de si, não mais se continha e respondia com um xingatório, na reação natural de defesa.

O Antônio dos Anjos já não tinha paz e nem sossego. Todo o mundo sentia-se no direito de torturá-lo. Bastava o seu vulto delinear no largo da igreja ou na rua poeirenta e já se ouvia o grito terrível:

- "OôôôO... Meeeia.. Quaaaarta! "

Não mais se continha o pobre do Antônio. Não mais era Anjo, parecia o demônio. Como um louco, balançava a sua bengala, com força, como que a procurar algum ofensor. Espumava a boca e profetizava os mais feios xingatórios do mundo. Ninguém reagiu e xingou tanto.

Daí para a frente, ninguém mais se esqueceu do seu Antônio, que ficou conhecidíssimo como o Antônio Meia Quarta.

Ora, os anos passaram. A Capelinha do Bom Jesus cedeu lugar a uma bonita igreja, que virou Catedral. Em sua frente fizeram bonitos jardins e as ruas de antanho, esburacadas, poeirentas, foram aplainadas e mostram, agora, o dorso, preto e liso, de asfalto.

A cidade cresceu, e muito. Tudo mudou.

Abriam-se escolas e até faculdades de ensino superior. Muitas, homens e mulheres, moços e idosos, tiveram a grande felicidade de frequentá-las, de receberem, de presente, ensinamentos acumulados pela humanidade, na esperança de serem postos ao seu serviço.

Os tempos mudaram, mas não de todo.

Muita coisa, ainda, apesar das aparências, reaviva o passado.

A despeito do aprimoramento das inteligências, da evolução cultural e científica, do avanço tecnológico, muitas pessoas não aprenderam, tão pouco, a respeitar os direitos e condições dos outros.

Porque foram à escola, julgam-se, muitos, como os seres maiores, os sabidões. E, às vezes, nem compreendem o mal que causam com seus atos e ditos mal pensados.

Apesar da evolução cultural e científica, dos tempos modernos, entre os politíqueiros, aparecem, discípulos, xingadores, que fazem lembrar O MEIA QUARTA.

ARTIGO

História do mundo velho

Não é de hoje que me pergunto por quê os livros de história geral, antes manuais para o bom desempenho no vestibular, são tão reducionistas a ponto de ignorar os acontecimentos de grande parte do mundo em prol da Europa. Exceto pelas notas de rodapé ou páginas parcimoniosas, a África, a Ásia, a Oceania e a própria América Latina praticamente passam em branco. E, quando se fala destes continentes, é quase sempre sobre o colonialismo e o imperialismo que os vitimaram, seguidos da formação de guerrilhas e pobreza generalizada.

Sabemos mais da história européia que a dos nossos próprios vizinhos. A maior referência continua sendo a Europa segundo as descrições das idades moderna e contemporânea presentes nos livros de história, que são consultados e lidos por estudantes brasileiros no ensino fundamental e médio. Além da guerra de secessão das primeiras colônias que formaram os Estados Unidos, sua independência e a marcha para o oeste. E o que é pior: crescemos com a idéia de que este país prosperou porque teve colônia de povoamento, enquanto o Brasil carregaria o fardo de ter sido colônia de exploração. Como se lá não tivesse colônia de

exploração (estados que formaram o sul), nem no Brasil de povoamento.

Não vejo a mínima razão de focar tanto a história européia como fazem esses manuais antiquados. É certo que muito do que somos se deve às civilizações clássicas grega e romana, aos franceses (revolução francesa) e ingleses (revolução industrial), porém os olhos que só admiram o que provém deles sem enxergar o nosso não alcançam o desenvolvimento autônomo. Em parte, porque as condições que temos são outras e o caminho não é o de contar e recontar como a Europa dominou outros continentes com sua frieza, técnicas e valores.

Vale recordar o formato da colonização hispano-americana, em que os espanhóis esmagavam a cultura nativa (igrejas foram construídas sobre templos pré-colombianos) e arrancavam as tripas dos ameríndios para afirmar a dominação e o poderio colonial que se acercava. A atenção do Brasil, portanto, deve-se voltar aos que estão em situação semelhante de desenvolvimento econômico e humano, como Chile, México, China, Índia e África do Sul. O modelo, ainda, está entre os "tigres asiáticos", como Coréia do Sul e Taiwan.

É uma lástima que desconhecamos os nossos vizinhos, suas práticas e con-

quistas. Somos estimulados a pensar que o nosso único modelo está fora do alcance, o que é um equívoco. Lembro que, quando prestei vestibular e faltando poucos meses para os exames, os professores apareceram com um anexo improvisado sobre as civilizações asteca, maia e inca. Único eco que nos chega da história pré-colombiana do México, Guatemala, Peru, Chile, entre outros. Enquanto isso, os educadores e educandos recitam os nomes dos imperadores romanos de cor e salteado, como se nos importassem muito.

Enfatizar a história européia é uma ação arriscada para nós diante do fortalecimento da União Européia e da xenofobia. Admiramos e logo somos desprezados (por reformas em políticas migratórias) e explorados (pela influência econômica que não pensa na cidadania). O Mercado Comum do Sul (Mercosul) cambaleia e hesita em aceitar a Venezuela no bloco, enquanto as novas edições dos manuais de história geral reservam mais espaço para as conquistas inéditas da Europa.

Essa história que nos contam, mas de um mundo velho. Que indignação.

Bruno Peron Loureiro é bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ Franca-SP).

ESPAÇO DO LEITOR

BLOG DE PAPEL

Excelente, amigo. Mostra o quanto está afinado com a nossa política. Esta análise traz em seu bojo um fino faro com a real situação da campanha. Agora é ver o desenrolar dela na TV e na rua. Que Deus nos abençoe e que o próximo prefeito traga o que o povo mais precisa: paz em nossa comunidade, com vida digna e humana.

Saulo Sartre Ubaldino

Ótima coluna. Parabéns pela imparcialidade que demonstrou ao tratar do tema eleições, expondo as qualidades e os principais problemas das campanhas de cada candidato. Essa eleição tem tudo para entrar para a história de Anápolis, e que dela surja um governante com verdadeiro espírito público, que é o que a cidade tanto precisa.

José Anselmo Curado Fleury

MAURITY ESCOBAR

Acredito que o Morgantini de forma real e verdadeira, conseguiu reproduzir bem o pensamento "mauritano". Sou leitor assíduo do Blog exatamente pela simplicidade, modernidade e extrema demonstração de domínio sobre a palavra escrita. Parabéns.

Carlos Lima

JORNAL DO ESTADO DE GOIÁS

Organização Independente de Comunicação Ltda

- Administração, Redação, Edição
Av. Goiás, 776, sala 302 (Ed. Glória)
Cep: 75025-090
Fone: 3099-6100

- Impressão:
WAN Comunicação

Diretor Editorial: Henrique Morgantini
(henriquemorgantini@gmail.com)

Editor Chefe: Marcos Vieira (marcosvieira77@yahoo.com.br)

Editor de Arte: Normando Pereira Barros (npbarros@hotmail.com)

Repórter fotográfico: Ismael Vieira (ismaelvieira@hotmail.com)